

A história e a génese

A Santa Casa da Misericórdia da Covilhã, reconhecida como instituição privada de solidariedade social, foi, de acordo com o compromisso de 1680, fundada a 27 de Junho de 1577. Esta é a data reconhecida oficialmente.

Há, no entanto, no valioso património arquivístico da Misericórdia da Covilhã, um conjunto de documentos, anteriores a 1577, que permitem afirmar que a sua fundação é anterior a esta data. A prová-lo podemos citar, entre outros, os seguintes documentos:

Confirmação do Privilégio dos Mamposteiros



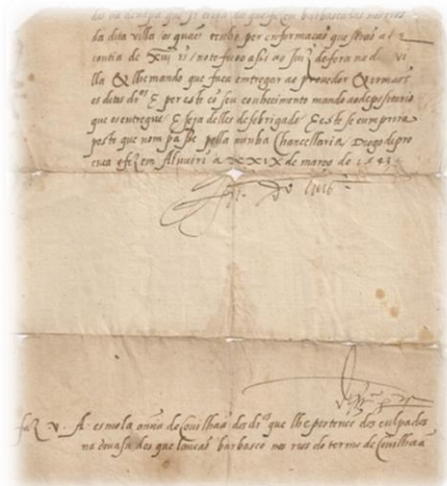
Fonte: Arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã

Neste documento datado de 16-07-1512 pode ler-se “*confirmação do privilégio dos maosposteiros que pedirem pera a misericórdia não só concedido pera o termo da vila como também pera os que pedirem dentro de seis legoas fora do termo.*”

Mais tarde, o Infante Dom Luís, Senhor da Covilhã entre 1521 e 1555, por alvará de 29 de março de 1553, concede à Misericórdia da Covilhã o usufruto da multa aplicada a todos os que poluísem as ribeiras e rio da Covilhã. São evidentes duas questões: a preocupação com o meio ambiente e sua proteção e garantir o financiamento desta Santa Casa da Misericórdia da Covilhã.

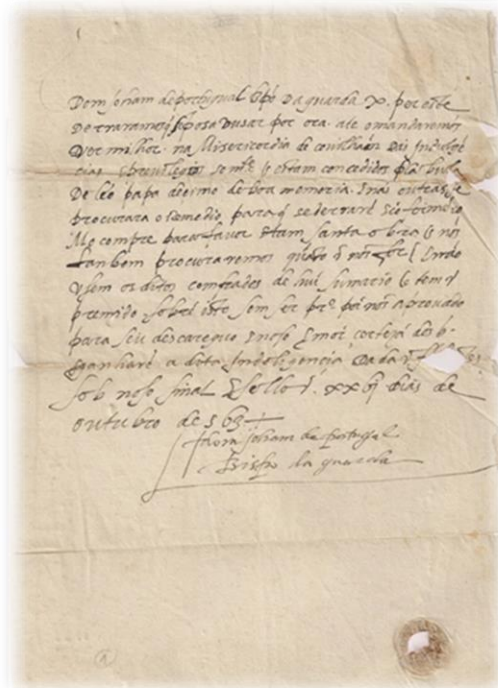
A 26 de outubro de 1563, Dom João de Portugal, bispo da Guarda (1556 e 1585) concede-lhe indulgências.

Alvará do Infante D. Luís - Senhor da Covilhã entre 1521 e 1555



Fonte: Arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã

Alvará do bispo da Guarda - Dom João de Portugal



Fonte: Arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã

De acordo com documentos patentes no arquivo desta Instituição a origem desta secular instituição prende-se com uma antiga confraria, anterior a 1213, que terá existido na zona da Boidobra, a Irmandade de Nossa Senhora da Alâmpada.

Aquando da sua extinção, os bens terão passado para a Misericórdia da Covilhã. A comprovar este facto está a referência, em documentos posteriores, a uma “herança antiga” que terá constituído o património inicial da Misericórdia da Covilhã, desconhecendo-se, com exatidão, qual a sua composição.

Aliás, toda a ação das Misericórdias só foi possível graças às dádivas de particulares, bem como ao apoio e proteção que sempre receberam dos poderes políticos.

De forma vincada, a Santa Casa da Misericórdia da Covilhã sempre assumiu e assume, ainda hoje, um papel muito importante na vida da cidade em cinco domínios: ação social, saúde, educação, envelhecimento e religião.

Rainha D. Leonor, Vitral da Igreja da Misericórdia da Covilhã



Fonte: Arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã

Toda a ação da Misericórdia da Covilhã, enformada pela prática das 14 Obras de Misericórdia (comum a todas as Misericórdias criadas em Portugal e além fronteiras) abarca diversos setores da sociedade; infância, idade adulta (com todos os seus problemas) e morte.

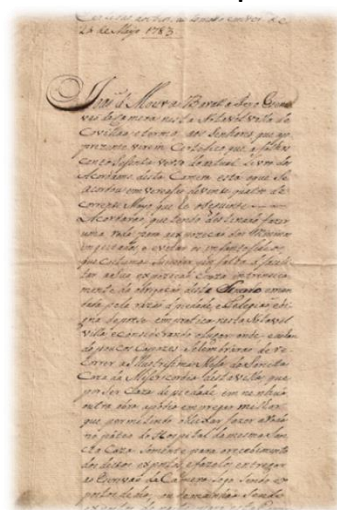
Se olharmos com atenção para os “Livros de Receita e Despesa” facilmente encontramos referências a despesas que se tinham com o “mestre de latim”, inserindo-se esta preocupação numa das sete obras espirituais: *ensinar os ignorantes*.

São igualmente frequentes as referências a pagamentos que se faziam a amas que acolhiam e educavam as crianças que tinham sido abandonadas, os chamados expostos.

Num documento, assinado entre a Câmara Municipal da Covilhã e a Santa Casa da Misericórdia da Covilhã, datado de 1783, prevê-se a criação da Roda dos Expostos no pátio da Igreja da Misericórdia.

Desconhece-se se esta “roda” efetivamente terá aqui funcionado, e durante quanto tempo, mas é evidente a preocupação que a Misericórdia da Covilhã tinha com estas crianças abandonadas.

Acórdão sobre Expostos



Fonte: Arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã

As referências a custos que a Santa Casa tinha com a alimentação e cura de presos são também uma constante ao longo dos tempos.

“*Vestir os nus*”, outra Obra de Misericórdia, está, igualmente, patente nas preocupações desta Santa Casa, pois são frequentes as referências a preocupações e pagamentos que se faziam com roupas para dar aos mais necessitados.

A morte, derradeira etapa na vida do ser humano, também não foi esquecida, e a preocupação em garantir uma última morada condigna a todos, está, igualmente, presente na linha orientadora de todas as Misericórdias: “*Enterrar os mortos*” e “*Rogar a Deus por vivos e defuntos*”. Assim, as despesas com funerais e missas por alma dos defuntos (fossem eles Irmãos ou não da Misericórdia) são uma realidade bem presente nos livros de receita e despesa. Neste ponto específico não nos podemos esquecer de que a Misericórdia da Covilhã foi alvo de importantes doações particulares, pois, e com bastante frequência, procurava-se, ainda em vida, garantir a correta e necessária assistência espiritual no momento da morte.

“*Dar de comer a quem tem fome*” e “*Dar de beber a quem tem sede*”, mais duas Santas Obras de Misericórdia presente na atuação da Santa Casa. Despesas com a alimentação de pobres, com a alimentação de doentes são presença constante.

Mas nem só de dar se faz a história da Santa Casa. Também de receber e de recolher. Assim, e mais uma vez, não podemos esquecer, lembrando mais uma vez, os mamposteiros, aqueles que iam de porta em porta, pelos diferentes locais, recolher alimentos, salientando-se cereais, azeite, vinho, etc.

Inserida nesta Obra de Misericórdia, destaca-se a abertura, a 31 de maio de 1957, da “Casa de S. Vicente de Paulo”, também denominada por muitos de «Cozinha Económica», servindo as primeiras refeições a pobres, trabalhadores e pensionistas (com fracos rendimentos).

Cozinha Económica



Fonte: Arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã

Foi neste edifício, da Misericórdia da Covilhã, que a Congregação das Irmãs da Caridade de S. Vicente de Paulo prestaram auxílio durante anos à população covilhanense. A colaboração entre esta congregação e a Santa Casa da Misericórdia manteve-se até agosto de 2010.

Neste edifício começou também a funcionar uma sala destinada a jardim-escola e nos anos de 1970/1971 o mesmo sofreu obras de adaptação para instalação exclusiva de uma creche e jardim de infância.

SAÚDE

A preocupação com a saúde das populações foi sempre uma constante de todas as Misericórdias, refletindo-se na necessidade de “Assistir aos enfermos”.

Desde sempre que as Misericórdias tiveram sob a sua responsabilidade, a gestão de hospitais.

Também a da Covilhã teve o seu, localizado, inicialmente, junto à Igreja da Misericórdia.

Por indicações da época sabe-se que em finais do século XIX, o edifício apresentava um estado de degradação bastante acentuado, sendo de dimensões reduzidas, mesmo para a época, tornando premente a construção de um hospital que correspondesse às necessidades da época.

Antigo Hospital da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã, junto à Igreja da Misericórdia



Fonte: Documento de arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã



Fonte: Documento de arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã

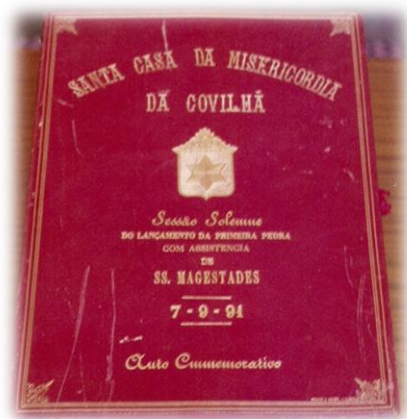
Esse, novo, hospital, tão necessário para a Covilhã, esteve para ser construído no Convento de Santo António, edifício onde funciona, atualmente, a Reitoria da Universidade da Beira Interior.

Aproveitando a deslocação de Suas Majestades, o Rei D. Carlos e a Rainha D. Amélia, à Covilhã para inauguração da linha de caminho-de-ferro da Beira Baixa, a 7 de Setembro de 1891, chegou a fazer-se a cerimónia de lançamento da 1ª pedra deste projeto e, desde logo, ficou decidido que o Hospital a construir receberia o nome de Hospital Rainha D. Amélia.

Assim, a 7 de Setembro 1891, aconteceu a sessão solene do lançamento da primeira pedra do futuro hospital Rainha D. Amélia, no Convento de Santo António, com a presença do Rei D. Carlos e da Rainha D. Amélia.

Deste importante acontecimento guarda-se, no arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã, o livro que regista a presença de Suas Majestades, bem como a Pena por eles utilizada para o assinarem.

O Livro, a Pena e a assinatura dos Monarcas



Fonte: Documento de arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã

Por variadíssimas razões, este projeto de adaptação do Convento de Santo António a Hospital não chegou a concretizar-se. Entre essas razões descrevem-se em textos, de época, as seguintes: gastos elevados com a recuperação do imóvel, custos de manutenção e conservação igualmente elevados, e a sua localização distante do perímetro da cidade, com caminhos difíceis de percorrer, tanto para os doentes que necessitassem de recorrer ao hospital, como para os que nele trabalhassem.

Contudo, o abandono da localização inicial do projeto não significou o fim da necessidade de construção de um novo Hospital, tanto mais que, o «velhinho» hospital, localizado junto à Igreja da Misericórdia continuava a degradar-se.

Imagem do Hospital da Covilhã



Fonte: Documento de arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã

Por este motivo tornava-se urgente encontrar um local adequado à instalação do mesmo.

Após alguns anos, e alguns consensos, a 26 de junho de 1908, procedeu-se à inauguração do Hospital Rainha D. Amélia no Alto de Santa Cruz, em terrenos cedidos por duas confrarias: Confraria de Nossa Senhora de Vera Cruz (que para além dos terrenos necessários à construção do hospital, doou também a Capela de Santa Cruz ou, como também é conhecida, como Capela do Calvário) e Confraria de S. Sebastião. Em setembro de 1946, em consequência de reorganizações hospitalares, o Hospital da Misericórdia da Covilhã foi elevado à categoria de “Hospital Regional”, passado a ser uma exceção ao disposto na lei n.º 2011 de 2 de abril de 1946, pois a criação de Hospitais Regionais era somente concedida às capitais de Distrito.

O seu desenvolvimento foi bastante acentuado, quer no número de especialidades (a título de exemplo salientaremos as de cardiologia, pediatria, ortopedia, serviço de urgência, otorrinolaringologia, entre muitas outras) e serviços que aqui se praticavam, quer no aumento do público abrangido por ele.

A gestão, e propriedade do Hospital, continuaram sob alçada das diferentes Mesas Administrativas, até à sua nacionalização, em consequência da aplicação dos decretos n.º 704/74 de 7 de Dezembro, e Decreto-Lei 618/75 de 11 de Novembro.

À semelhança do que acontecia noutras zonas do país, a Covilhã era, no início do século XX, assolada pelo terrível flagelo da tuberculose.

A instituição covilhanense que tomou a seu cargo a iniciativa da luta anti-tuberculosa no concelho, completamente desarmado contra o terrível flagelo foi a Misericórdia da Covilhã (in relatório da Gerência da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã no período compreendido entre 1932 e 1938.).

Assim, a 13 de junho de 1943 é inaugurado o Pavilhão-Sanatório Dr. Antonino Vaz de Macedo (médico que, em 1932, no Congresso das Misericórdias realizado em Setúbal, apresentou e defendeu uma tese sobre a criação de pavilhões sanatórios pelas Misericórdias), posteriormente adaptado a Centro de Saúde Mental (Outubro de 1972).

Pavilhão-Sanatório Dr. Antonino Vaz de Macedo



Fonte: Imagens de arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã

Para a construção deste Pavilhão foram importantes os donativos de particulares, da Comissão Auxiliar das Senhoras da A.N.T. (Assistência Nacional aos Tuberculosos), bem como dos fundos angariados com a realização dos cortejos de oferendas (manifestações populares demonstrativas do empenho das gentes do concelho em ajudar e socorrer os mais necessitados).

Já mais recentemente, em Julho 1994 a Santa Casa da Misericórdia da Covilhã cria o Centro de Diagnóstico da Covilhã, unidade de saúde dedicada à realização de diversos exames e consultas de especialidade nomeadamente: radiologia, ecografia, cardiologia e análises clínicas.

A criação deste centro veio colmatar uma falha no concelho da Covilhã, pois, e em muitos casos, a realização de um simples exame destas especialidades, obrigava a dispendiosas deslocações para outras zonas do país, nomeadamente, Coimbra.

Centro de Diagnóstico da Covilhã



Fonte: Imagens de arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã

Cerca de um ano depois, em Fevereiro de 1995 a Santa Casa da Misericórdia da Covilhã adquire, por trespasse, a Casa de Saúde de S. Tiago, unidade de saúde de grande relevo no concelho e que atravessava um período conturbado na sua gerência, ameaçando encerrar as suas portas.

Casa de Saúde de S. Tiago



Fonte: Imagens de arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã

O objetivo desta aquisição, favorecido pela larga experiência que a Misericórdia tinha com a gestão de unidades de saúde (Hospital Distrital da Covilhã), era claro: garantir a sobrevivência desta Casa de Saúde. Este objetivo foi claramente atingido, pelo menos até dezembro de 2002, altura em que, devido à fraca ocupação, problemas de ordem económica e de funcionamento, a Casa de Saúde de S. Tiago acabou por encerrar.

Na Casa de Saúde de S. Tiago efectuava-se a prestação de cuidados médicos, pequenas cirurgias, internamentos e consultas de especialidade (gastroenterologia).

EDUCAÇÃO e ENVELHECIMENTO

Quanto ao **sector educativo** a Santa Casa da Misericórdia da Covilhã sempre apostou tanto na infância como na idade adulta.

Com o infantário I (antiga Cozinha Económica - junto à Capela do Calvário) em funcionamento desde os anos 70, com as respostas sociais de creche e jardim de infância, a Misericórdia da Covilhã abre um novo infantário em 1988.

O Infantário II (actual Mundo da Fantasia)



Fonte: Imagens de arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã

O Infantário II (atual Mundo da Fantasia, localizado na zona baixa da cidade) abre em Setembro, momento em que recebe as primeiras crianças.

Neste edifício para além das respostas sociais de creche e jardim de infância (no piso térreo), passou a funcionar a sede, da Misericórdia, e os serviços administrativos.

Mais tarde, em agosto de 2014 a Santa Casa da Misericórdia da Covilhã procedeu ao encerramento do Infantário I “Casa de S. Vicente de Paulo”, grandemente devido à deslocação das organizações e empresas que anteriormente laboravam no antigo centro urbano para a zona baixa da cidade. As crianças que o frequentavam foram transferidas para outros infantários sob a gestão da Misericórdia da Covilhã.

Em simultâneo, a preocupação com a **idade adulta**, mais especificamente o apoio à terceira idade, sempre foi uma inquietação, constante, transversal a diversas Mesas Administrativas.

Em junho de 2000 foram devolvidas à Misericórdia da Covilhã as instalações anteriormente ocupadas pelo Hospital Distrital da Covilhã (decorrente da nacionalização ocorrida em 1975).

Neste vasto espaço, projetou-se a construção de uma nova resposta social, destinada a satisfazer as necessidades do concelho, desta faixa etária, um Lar de idosos, com capacidade para cerca de 100 utentes.

Assim, procedeu-se à demolição de parte dos edifícios hospitalares (zona das antigas enfermarias) e à construção, de raiz, de uma nova unidade de apoio à Terceira Idade modernamente equipada.

A 1 de Outubro de 2004 a Instituição efetua a abertura ao público do Lar da Santa Casa da Misericórdia, localizado no Alto de Santa Cruz.

Lar da Santa Casa da Misericórdia
Actual residência sénior com capacidade para 120 residentes



Fonte: Imagens de arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã

Nesta nova resposta social, onde as vistas são deslumbrantes e se respira ar puro, proporciona-se a todos os residentes o máximo de conforto nesta etapa de vida, contribuindo assim para um envelhecimento ativo.

RELIGIÃO

No concelho da Covilhã realizam-se ao longo do ano diversas manifestações litúrgicas de importância significativa. Todas elas são reveladoras da forte tradição cristã da nação portuguesa.

A Santa Casa da Misericórdia da Covilhã é, desde o século XVII, responsável pela organização de duas dessas manifestações:

- a **Procissão do Senhor dos Passos** – que, desde 1861, decorre no 5º Domingo da Quaresma, também designado de Domingo de S. Lázaro;

- a **Procissão do Enterro do Senhor** – na Sexta-feira Santa.

A realização anual destas duas manifestações litúrgicas tornou-se uma magnífica, importante e nova manifestação de verdadeira fé, à qual, desde sempre, têm aderido as populações da Covilhã e respetivo concelho, bem como de outras zonas da região, constituindo assim uma tradição bem arraigada, que muito honra a matriz eclesial e histórica da Instituição.

Na sua organização trabalham muitas pessoas que procuram dignificar estas cerimónias evocativas da Paixão e Morte do Redentor.

Altar-mor da Capela de Santa-Cruz (Capela do Calvário)



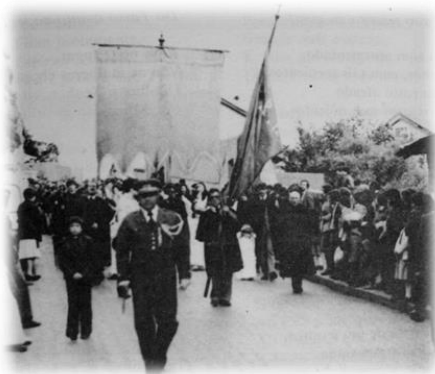
Fonte: Imagens de arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã

É, igualmente, indispensável a colaboração ativa de outras entidades, públicas e privadas, para a concretização das supracitadas Procissões, salientando-se: a Câmara Municipal da Covilhã, a Polícia de Segurança Pública, os Bombeiros Voluntários, os diversos agrupamentos do corpo nacional de escutas, as bandas filarmónicas, diversas entidades civis e religiosas, bem como um sem número de pessoas que, procurando demonstrar o seu fervor religioso, participam nas referidas manifestações, seja acompanhando as Imagens que a compõem, seja transportando os andores.

É igualmente razoável o número de pessoas que enchem as diversas ruas percorridas, bem como as que assistem das janelas e varandas das suas casas.

Sem a colaboração e participação ativa de todos, seria muito difícil manter esta tradição que se tornou um importante tesouro do património imaterial do concelho da Covilhã.

Procissão do Senhor dos Passos e Procissão do Enterro do Senhor



Fonte: Imagens de arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã